



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Planejamento
e Gestão

IPECE

Informe

Nº 79 – Agosto 2014

BRICS e o Comércio Exterior Cearense

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba F. D. Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis B. de Menezes – Diretor de Estudos Econômicos

Régis Façanha Dantas – Diretor de Estudos Sociais

IPECE Informe - nº 79 – Agosto de 2014

Elaboração

Ana Cristina L. Maia Souza

Marlene Guilherme Mindello

Gabriel Diniz Figueiredo (Estagiário)

Jessica Clemente (Estagiária)

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência;

Rigor científico;

Competência profissional;

Cooperação interinstitucional e

Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

Sobre o IPECE Informe

A Série **IPECE Informe** disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), visa divulgar análises técnicas sobre temas relevantes de forma objetiva. Com esse documento, o Instituto busca promover debates sobre assuntos de interesse da sociedade, de um modo geral, abrindo espaço para realização de futuros estudos.

Nesta Edição

O presente Informe tem por objetivo analisar o cenário econômico e de comércio exterior do Brasil e do Ceará dentro do BRICS, destacando os principais indicadores econômicos, a corrente de Comércio Exterior, como também o desempenho das economias antes e depois da crise financeira mundial.

O Brics, já representa mais de 20% da economia mundial e estima-se que esse valor seja muito maior em 2027, ultrapassando as economias que compõem o G7. Mesmo com a recuperação lenta de alguns países do BRICS, há avanços em termos absolutos do Produto Interno Bruto e da corrente de Comércio Exterior, tanto do Brasil como do Ceará, dentro do bloco.

Observou-se que o comércio exterior do Brasil com os demais países do Brics cresceu significativamente nos últimos anos, quando a participação das exportações passou de 2,91%, em 2000, para 21,1%, em 2013. Enquanto que a participação das importações brasileiras no Brics passou de 3,1%, em 2000, para 18,5%, em 2013. Quanto ao Ceará, verificou-se que o comércio externo do Estado ainda apresenta pouca representatividade dentro do Brics.

Com a divulgação deste documento, o IPECE, procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense, especificamente de comércio exterior.

1. O BRICS

O nascimento do BRICS - bloco integrado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul -, como ator global de crescente relevância ocorreu em meio à crise de hegemonia vivida pelo sistema internacional. A sigla BRICS surgiu em 2001, com o artigo do economista do Banco Goldman Sachs, Jim O' Neill, que estudava o potencial para investimentos de diversos países do Sul, num estudo chamado "Building Better Global Economic BRICs", onde relatava que o PIB do BRIC (na época não incluía a África do Sul) excedia o PIB dos países formados pelo Grupo dos Sete (G7) entre 2001 e 2002. O estudo também falava que em 2000 o PIB do BRICS já representava 23,3% do PIB mundial.

Mas foi só em 2006 que seus quatro membros originais anunciaram o BRIC no âmbito das Nações Unidas. Em 2008, ano da eclosão da crise global, ocorreu a primeira reunião formal de chanceleres e em 2009 foi realizada a primeira cúpula de chefes de Estado em Ecaterimburgo, na Rússia. Nesse encontro, o grupo se formalizou pela primeira vez e elaborou sua declaração inicial, de que o bloco buscaria uma voz ativa nos grandes processos decisórios do sistema internacional. Em 2010, ocorreu em Brasília a segunda cúpula, ainda sem a presença da África do Sul, que foi incorporada ao bloco na terceira reunião realizada em Sanya, na China, em 2011. Neste momento foram assentadas as bases conjuntas para esta nova articulação geopolítica global e também foi criado um memorando que integrou os bancos de desenvolvimento dos cinco países-membros com o objetivo de facilitar as cooperações entre as partes de transações comerciais e projetos de interesse comum, aumentar a participação no comércio exterior entre os países e as empresas, promover cooperação econômica e de investimentos. A quarta cúpula, em 2012, teve lugar em Nova Délhi, Índia, onde foi tomada a decisão pela criação de um banco do BRICS. A quinta reunião ocorreu em março de 2013 em Durban, África do Sul, sendo marcada pelo debate sobre a criação do banco e sobre a presença e o papel do bloco na África; a sexta reunião foi realizada em Fortaleza, Brasil, em 2014, onde se avançaram nos detalhamentos acerca da criação do banco, parcerias empresariais, acordos comerciais entre outros temas.

Atualmente, o bloco constitui uma organização internacional independente, com ações voltadas para as áreas social, econômica e ambiental, dentro do princípio da sustentabilidade.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, o grau de institucionalização do grupo BRICS está se definindo, não possuindo ainda um secretariado fixo ou um documento ou estatuto, sendo apenas um agrupamento informal. Recentemente foi anunciado o capital inicial de US\$ 100 bilhões no banco de desenvolvimento. Os países do bloco deverão contribuir da seguinte forma: Brasil, Índia e Rússia com US\$ 18 bilhões cada, África do Sul com US\$ 5 bilhões e China com US\$ 41 bilhões, inicialmente. O fundo, que está previsto para começar a fazer empréstimos em 2016, tem como objetivo suprir o déficit de moeda na balança de pagamento dos países, acobertar especulações financeiras e suprir o crescimento da demanda agregada por projetos de financiamento. O lançamento oficial foi feito na Cúpula que ocorreu em Fortaleza, no Centro de Eventos do Ceará, no mês de Julho de 2014.

Neste último evento, também ficou definido que o banco será presidido pelos indianos e a sede escolhida foi a cidade chinesa de Xangai. Ao Brasil coube a presidência do conselho de administração do banco, enquanto a Rússia presidirá o conselho de governadores. A instituição terá um capital inicial de US\$ 50 bilhões, podendo chegar a US\$ 100 bilhões. O mandato dos dirigentes será de cinco anos, não prorrogáveis. O Banco de desenvolvimento beneficiará não apenas as nações integrantes do BRICS, mas também outros países emergentes.

Ainda nesse último encontro, também foram assinados dois pactos de cooperação comercial: um entre as garantidoras de crédito à exportação dos cinco países e outro entre os bancos de fomento do BRICS.

O BRICS se organiza em torno de dois grandes pilares de atuação. Primeiro, um pilar voltado para dentro, destinado ao fomento da cooperação intrabloco em diversas áreas do desenvolvimento, como comércio, paz, saúde, urbanismo, ciência e tecnologia, agricultura, juventude, atuação conjunta em instituições e fóruns globais, entre outras. Em Nova Délhi foi dada autorização para o início das negociações para criação do banco do BRICS, visando demonstrar capacidade concreta de atuação do bloco frente aos doadores tradicionais. Na Cúpula de Durban, África do Sul, novos passos foram dados nesta direção, sinalizando inclusive que o BRICS, por meio do banco, pretende ter um papel relevante no financiamento de projetos na África. Muito ainda está em aberto, como a composição de capital, a governança, processo decisório e a abrangência geográfica dos investimentos.

O segundo pilar é a atuação do bloco na coordenação de posições visando à reforma do sistema internacional. Ou seja, o questionamento da atual governança global, combinada com a tentativa de reformá-la indica que o BRICS não visa substituir as instituições existentes, mas sim alterar a correlação de forças e a redução das assimetrias de poder na institucionalidade vigente.

O peso demográfico e o crescente poderio econômico dos países que integram o bloco são muito significativos. De acordo com o INESC, Instituto de Estudos Socioeconômicos, a população dos cinco países chega a quase metade da população (43%) e força de trabalho (46%) mundiais; a área territorial dos membros do bloco equivale a 26% da área do planeta. São países que têm papel central em suas respectivas regiões.

As economias dos BRICS têm alguma complementariedade e dinamismo entre si, como as relações entre Brasil e China, onde um membro é exportador de matérias-primas, como energia e soja, e o outro é importador. Esse poderio econômico tende a se traduzir de forma crescente em poder político.

O BRICS se sobressai em um contexto internacional que se torna cada vez mais multipolar e onde as instituições da governança em curso dão claros sinais de esgotamento, como se observa agora, com a falta de consenso para a aprovação de regimes internacionais em diversas arenas, como os regimes sobre mudanças climáticas (COPs e Protocolo de Quioto), comércio (Rodada de Doha paralisada), receituários de políticas e programas do Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI) perdendo legitimidade e revelando-se totalmente contrários à solução da crise global e com graves efeitos sociais.

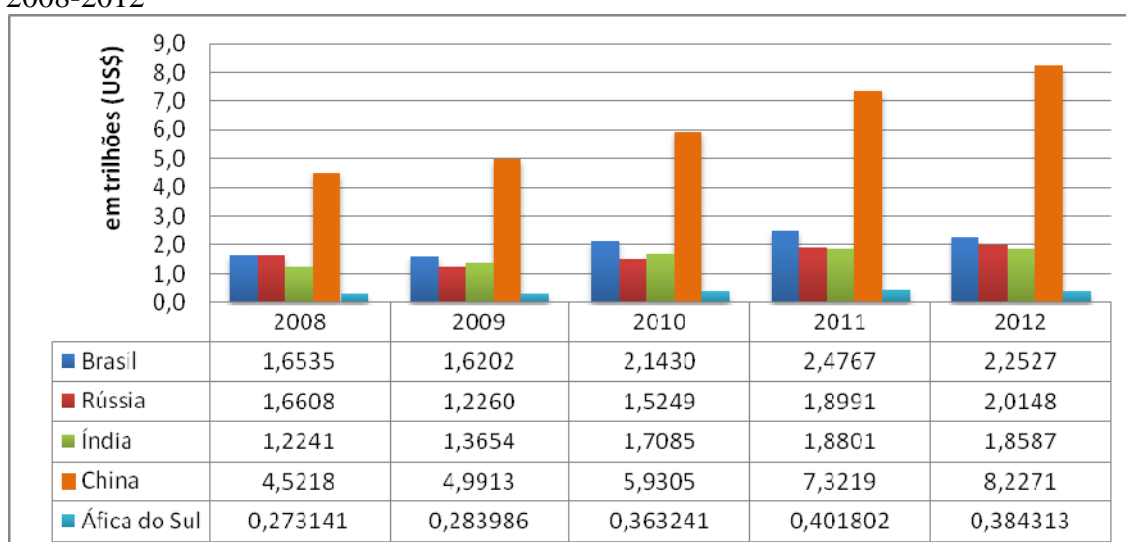
O BRICS tem atuado em diversas agendas e fóruns da governança global. A agenda de reforma econômica é, sem dúvida, a de maior consenso entre os membros. Na realidade, nas áreas econômica e financeira, o bloco atua de forma coesa e proativa. No G20, uma das arenas de maior incidência do bloco, encaminha proposta de enfrentamento da crise econômica global e de reforma da composição das cotas do FMI e de Governança do Banco Mundial.

2. Cenário Econômico do BRICS

Nos últimos dez anos, os países do BRICS apresentaram crescimento além da média mundial. O BRICS apresenta um papel de destaque no cenário mundial, por conta do rápido desenvolvimento de suas economias e do potencial econômico desses países que pode transformá-los em economias dominantes do mundo até 2050. Estudos do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), estimam que, em 2015, o PIB do BRICS corresponda a 22% do PIB mundial e que em 2027 ultrapasse as economias do G7.

A abertura da economia chinesa, mediante um conjunto de reformas, tornou o país a segunda economia do planeta, atrás somente dos Estados Unidos, ultrapassando Japão e países da Europa. A economia chinesa é maior do que a soma da economia dos demais quatro países que compõem o grupo. O PIB chinês, em 2010, foi de US\$ 5,9 trilhões, superior aos US\$ 5,7 trilhões da soma dos demais países do BRICS. Em 2012, a economia da China somou o valor de mais de US\$ 8,2 trilhões. O Brasil foi a segunda maior economia nesse ano, com valor de US\$ 2,25 trilhões. Em seguida veio a Federação da Rússia (US\$ 2,01 trilhões); Índia (US\$ 1,86 trilhões) e África do Sul (US\$ 384 bilhões).

Gráfico 1: Produto Interno Bruto * – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul 2008-2012



Fonte: Banco Mundial. Elaboração IPECE.

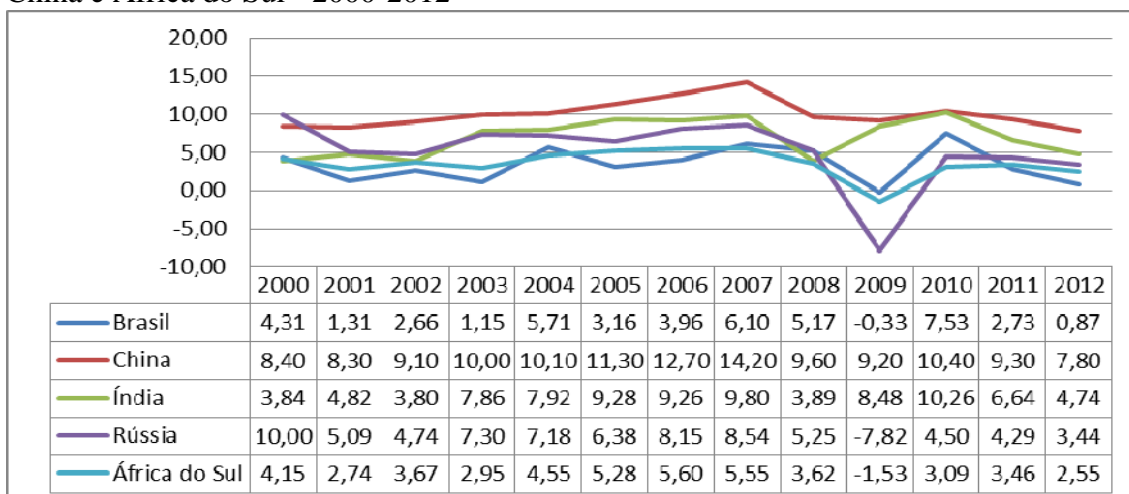
*PIB em valores correntes.

Em 2000, o PIB do BRICS somava aproximadamente 2,7 trilhões de dólares, representando 8,2% do PIB mundial. No ano de 2009, época de crise mundial, apenas Brasil e Rússia tiveram redução do seu PIB em relação a 2008, sendo que o Brasil reduziu seu PIB de US\$ 1,65 trilhão para US\$ 1,62 trilhão e a Rússia de US\$ 1,66 trilhão para US\$ 1,22 trilhão, respectivamente. Em 2012, o acumulado do PIB do BRICS representava 20,2% do PIB mundial, com 14,7 trilhões de dólares, aproximadamente.

No período de 2000 a 2007, antes da eclosão da crise financeira mundial, os países do BRICS apresentaram crescimento médio positivo. Com a crise que começou em 2008, houve forte desaceleração econômica de alguns países, como a Rússia, África do Sul e Brasil. Em 2009, a economia da Rússia registrou redução de 7,82%, a maior queda, seguida da África do Sul, com -1,53% e do Brasil com -0,33%, enquanto Índia e China mantiveram taxas de crescimento elevadas, com 8,48% e 9,2%, respectivamente. O pós-crise foi marcado por recuperação lenta dos países, sendo que, em 2010, o Brasil alcançou 7,5% de crescimento comparado ao ano anterior, seguido da Índia com 10,3% e da China com 10,4%. A África do Sul e a Rússia tiveram taxas razoáveis de 3,1% e 4,5%, respectivamente.

A economia do Brasil apresentou um crescimento acumulado de 47,8% entre 2000 e 2012, enquanto que a Rússia e África do Sul registraram crescimento acumulado de 72,9% e 50,3%, respectivamente. Já o desempenho econômico da China e Índia, de 2000 a 2012, foram superiores, com valores de 219,1% e 130,5%, respectivamente. (Gráfico 2).

Gráfico 2: Taxa de crescimento (%) do Produto Interno Bruto * – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - 2000-2012

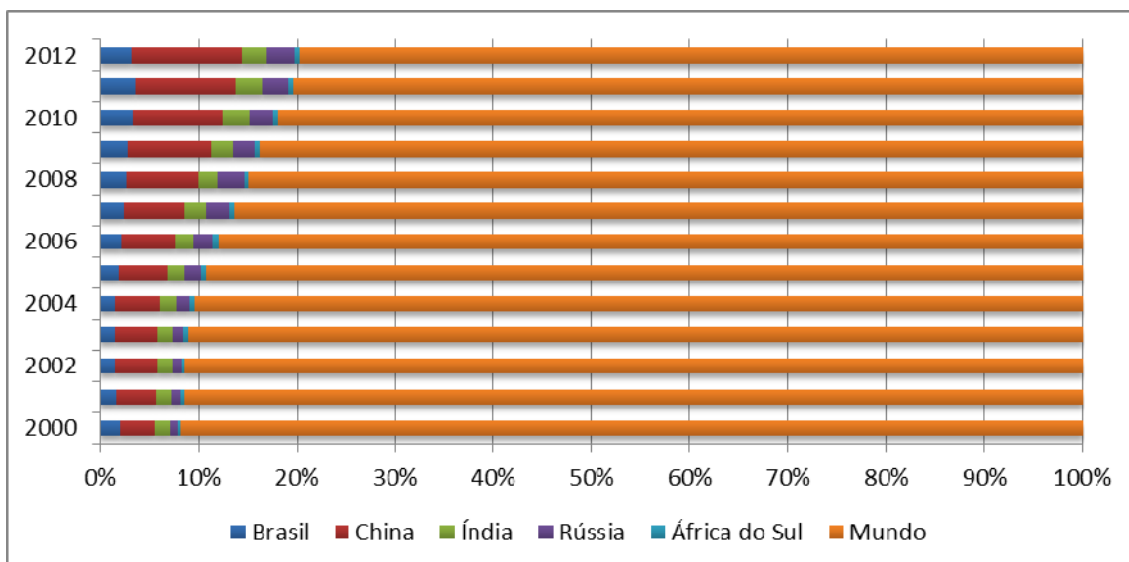


Fonte: Banco Mundial. Elaboração IPECE

*Porcentagem anual da taxa de crescimento do PIB em preços constantes de 2005 (US\$)

Entre os anos de 2000 e 2012, o BRICS aumentou sua participação na economia mundial, passando de 8,2% em 2000 para 16,6% em 2009, alcançando 20,3% em 2012. Nos 13 anos analisados, a China foi o país que obteve a maior participação, evoluindo de 3,65% de participação na economia mundial, para 11,3% em 2012. Nesse período, o Brasil aumentou sua participação de 1,96%, em 2000, para 3,1%, em 2012. A Índia manteve a participação na economia mundial mais estável ao longo da série analisada, encerrando o período com 2,56%. Enquanto a África do Sul e Rússia, em 2012, representaram 0,53% e 2,77%, respectivamente, da economia do mundo.

Gráfico 3: Participação (%) do valor do PIB na economia mundial – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul 2000-2012



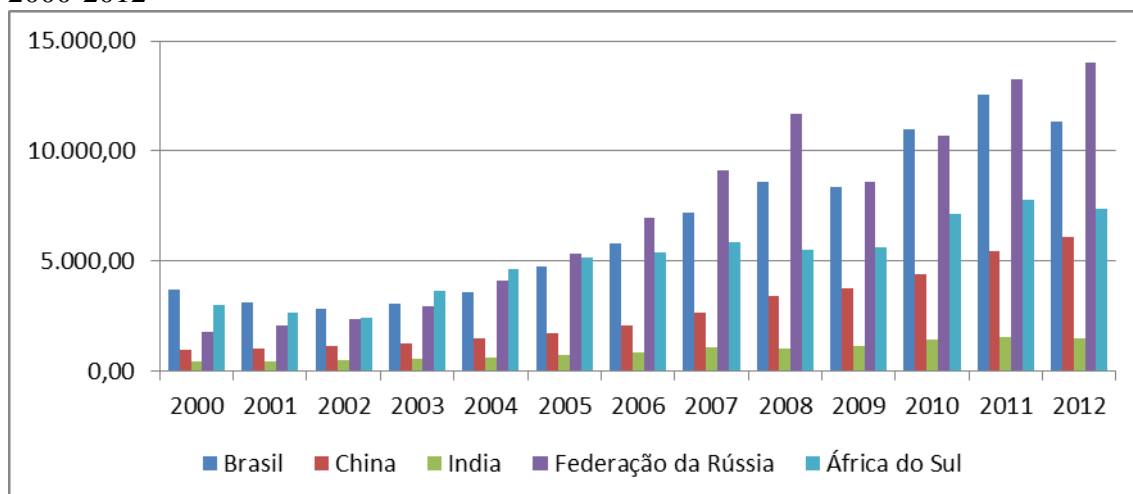
Fonte: Banco Mundial. Elaboração IPECE.

No período de 2000 a 2002, o Brasil possuía um PIB *per capita* superior ao restante dos países que compõem o BRICS, mas veio diminuindo esse indicador nos anos seguintes, devido ao ritmo de crescimento populacional ter sido mais elevado que o crescimento da sua economia. Em 2003, o PIB *per capita* do Brasil voltou a registrar aumento, mas, não foi o suficiente para manter-se na posição, já que foi superado pela África do Sul que apresentou em 2003, o maior PIB *per capita* entre o BRICS. A Rússia, a partir de 2005, passou a ter o maior PIB *per capita* do BRICS, mantendo-se nessa posição ao longo do período analisado. A Índia apresentou o menor PIB *per capita* para toda a série analisada.

A Rússia foi o país que mais aumentou seu PIB *per capita*, em termos absolutos, passando de US\$ 1.775, em 2000, para US\$ 14.037, em 2012, ou seja, um aumento de US\$ 12.262. O Brasil registrou o segundo maior aumento, quando o PIB *per capita* passou de US\$ 3.694, em 2000, para US\$ 11.339, em 2012. A China, mesmo possuindo o maior PIB entre os países-membros, possui o segundo menor índice no período de 2000-2012, devido ao tamanho de sua população, perdendo apenas para a Índia, que ficou com o menor resultado.

Em 2012, o valor do PIB *per capita* para os países do BRICS foram: Brasil, US\$ 11.339; China, US\$ 6.091; Índia, US\$ 1.503; Rússia, US\$ 14.037; África do Sul, US\$ 7.351.

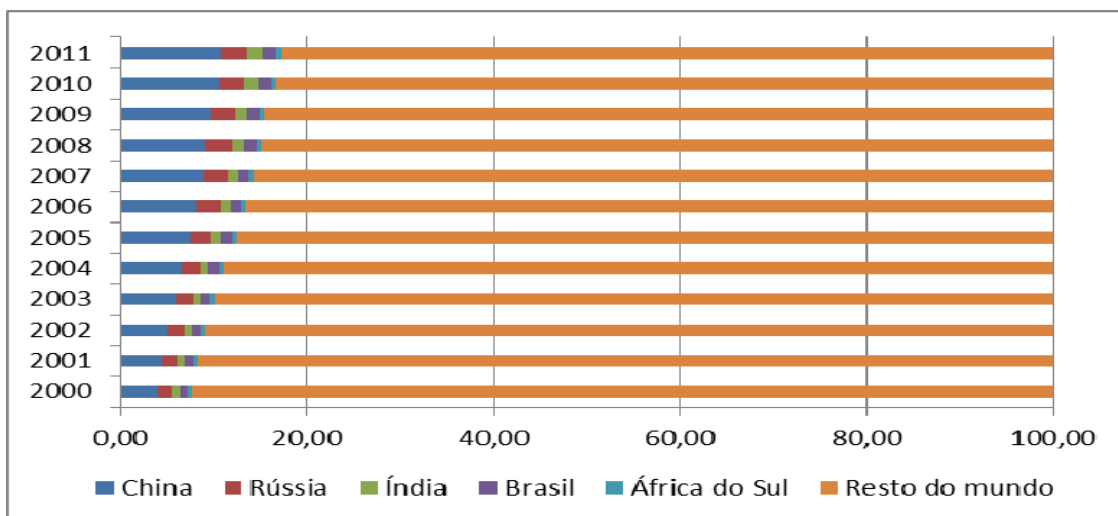
Gráfico 4: PIB *per capita* (corrente US\$) – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul 2000-2012



Fonte: Banco Mundial. Elaboração IPECE.

Nas exportações mundiais, os países do BRICS mais que dobraram sua participação globalmente, sendo que no ano de 2000, representavam 7,68%, alcançando 17,27%, em 2011. O Brasil caminha a passos curtos no total global. Em 2000, as exportações brasileiras ficaram atrás da China e da Rússia e em 2011, perdeu mais uma posição, devido ao crescimento da Índia. A África do Sul continuou em último lugar nos anos analisados e a China, que em 2000 representava quase 4% do total, passou a responder por 10,7% em 2011, sendo a primeira colocada entre 2000 e 2011, dentre os países do bloco.

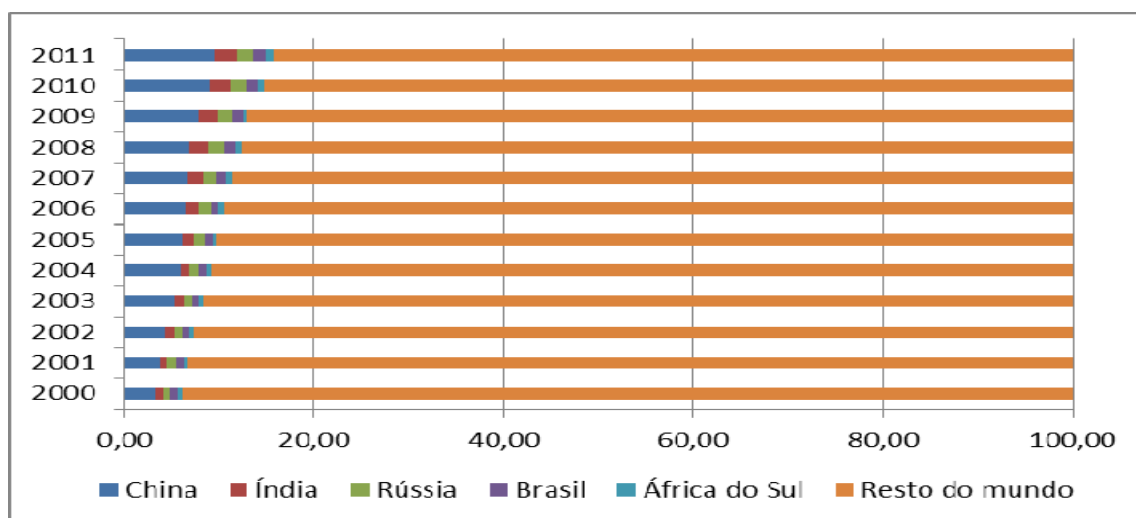
Gráfico 5: Participação (%) do valor das exportações mundiais – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul 2000-2011



Fonte: OMC/MDIC. Elaboração IPECE.

Nas importações mundiais, a participação brasileira também caminhou lentamente, tanto que em 2000 as compras externas brasileiras representavam 0,88% do total mundial, com redução entre 2002 e 2004, chegando ao ano de 2011 com 1,29%, representando a quarta posição, acima apenas da África do Sul. A China continuou sendo o principal importador, triplicando seu resultado no período, encerrando o ano de 2011 com 9,49% do total, enquanto os demais países do bloco somaram 6,16%. Juntos, os países do BRICS representavam 15,65% das importações, no ano de 2011.

Gráfico 6: Participação (%) do valor das importações mundiais – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul 2000-2011



Fonte: OMC/MDIC. Elaboração IPECE.

3. Comércio Exterior e BRICS: um enfoque nacional

Certamente, com o BRICS vão surgir múltiplas oportunidades de novos mercados e novos acordos e cooperação entre os países membros. É o caso, por exemplo, da Rússia, que mostra interesse no Brasil, em produtos *commodities* e alimentares, além da possibilidade de acordos na área de produção de armamentos e submarinos. O Brasil e a Rússia já assinaram acordos de cooperação nas áreas de aviação civil, defesa e saúde. Há intenção de fechar o acordo de cooperação para instalação de estações do sistema russo de navegação por satélite, o Glonass, em território brasileiro.

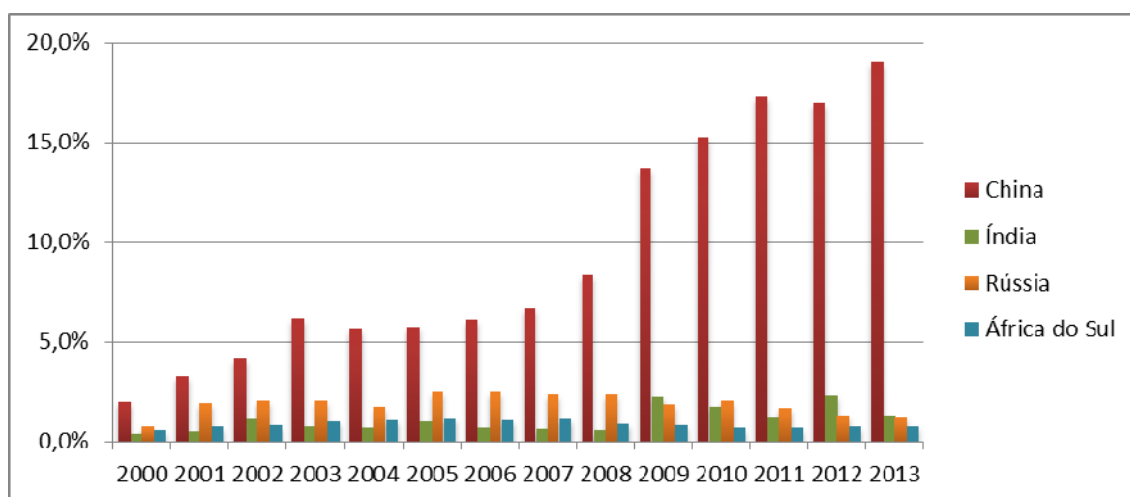
A China tem interesse nas *commodities* mineral, embora esteja buscando alternativa de produção mineral na África. É o maior importador de minério de ferro do Brasil. Há empresas brasileiras indo para a China com o objetivo de produzir e vender para Brasil.

A África do Sul olha para o Brasil como porta de entrada para os seus produtos aos demais países da América do Sul. Existe acordo na área de etanol e construção civil. Esse País também interesse em medicamentos brasileiros.

Quanto à Índia, esta exporta para o Brasil alimentos, insumos têxteis sintéticos e óleo diesel. Também existem acordos de satélites, que são recebimentos e processamento de dados de satélites de sensoriamento remoto indianos pela estação terrestre brasileira. As imagens irão contribuir para combater queimadas na Amazônia.

Analisando-se as exportações brasileiras, no período de 2000 a 2013, para os demais países do BRICS, observou-se que as participações nos dois primeiros anos da série, representavam menos de 5% da pauta total brasileira. Esse valor veio aumentando até o ano de 2008, mas em 2009, em função da crise financeira mundial, as exportações brasileiras tiveram um declínio de -22,71%. Mesmo nesse cenário, houve a oficialização do BRIC (que na época não incluía a África do Sul) e como resultado, as exportações brasileiras tiveram um salto, passando de 9,8% em 2008 para 16,8% em 2009 para esses países (incluindo a África do Sul). Percebe-se também que a maior parcela desse resultado teve como destino a China. Este país, sozinho, respondeu por 19% das exportações brasileiras em 2013. Índia, Rússia e África do Sul somaram apenas 3,3%, totalizando os quatro países, com participação de 22,3%, em 2013.

Gráfico 7: Participação (%) do BRICS nas exportações brasileiras



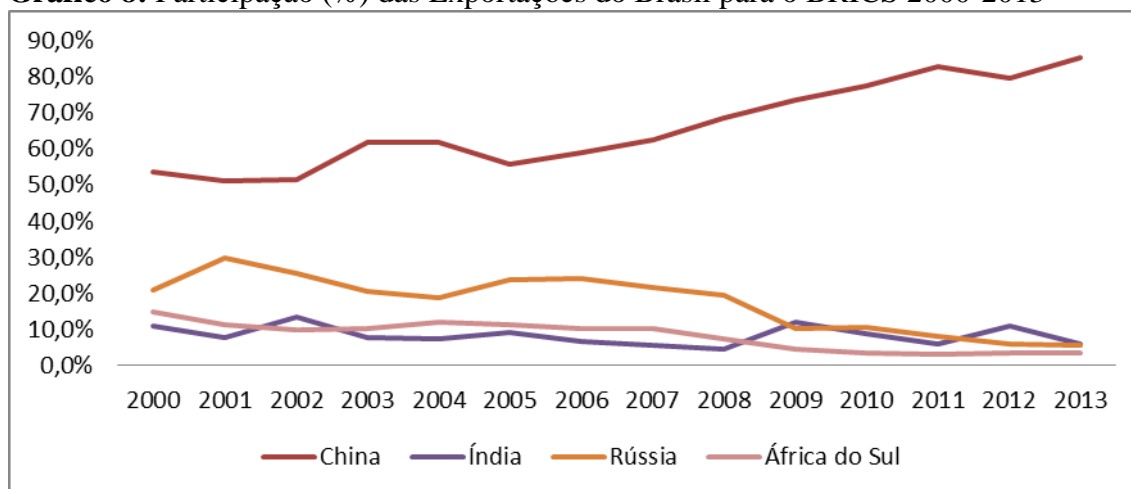
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Entre os países-membros do BRICS, o Brasil exportou para a China o equivalente a 1,08 bilhão de dólares em produtos no ano de 2000, o correspondente a 53,5% das exportações para o BRICS. Esse valor obteve uma alta em 2003, passando a ser constante entre 2003 e 2004, sofrendo uma queda em 2005. A partir de 2005, houve uma aceleração das exportações para a China, chegando a uma receita de US\$ 44 bilhões, em 2011, ou 83% das exportações para o BRICS. O Brasil encerrou o ano de 2013, com um valor exportado para a China de US\$ 46 bilhões. Entre os anos de 2000 a 2013, as exportações brasileiras para a China cresceram 4.141%.

Seguindo na direção oposta, a participação nas exportações para os demais países do bloco, Índia, Rússia e África do Sul, diminuíram no período analisado. A participação das exportações para a Índia, em 2000, representavam 10,7% do total entre BRICS, porém esse valor representou em 2013, apenas 5,8%. Ainda assim, houve um incremento no valor absoluto das exportações, passando de US\$ 217,4 milhões em 2000 para US\$ 3,1 bilhões em 2013.

As exportações para a Rússia passaram de 423 milhões de dólares para 2,9 bilhões de dólares, nos 13 anos considerados. A participação russa nas exportações brasileiras diminuiu de 20,9% em 2000 para 5,5% em 2013. A participação das exportações para a África do Sul caiu de 15% para 3,4% no período considerado, embora, em termo de valores, as exportações tenham expandido de US\$ 302,2 milhões, em 2000, para US\$ 1,8 bilhão, em 2013. A redução da participação das exportações brasileiras tanto para a Rússia quanto para a África do Sul, deveu-se ao fraco ritmo de crescimento das exportações para esses países, comparado a outros países também parceiros do comércio externo brasileiro.

Gráfico 8: Participação (%) das Exportações do Brasil para o BRICS 2000-2013



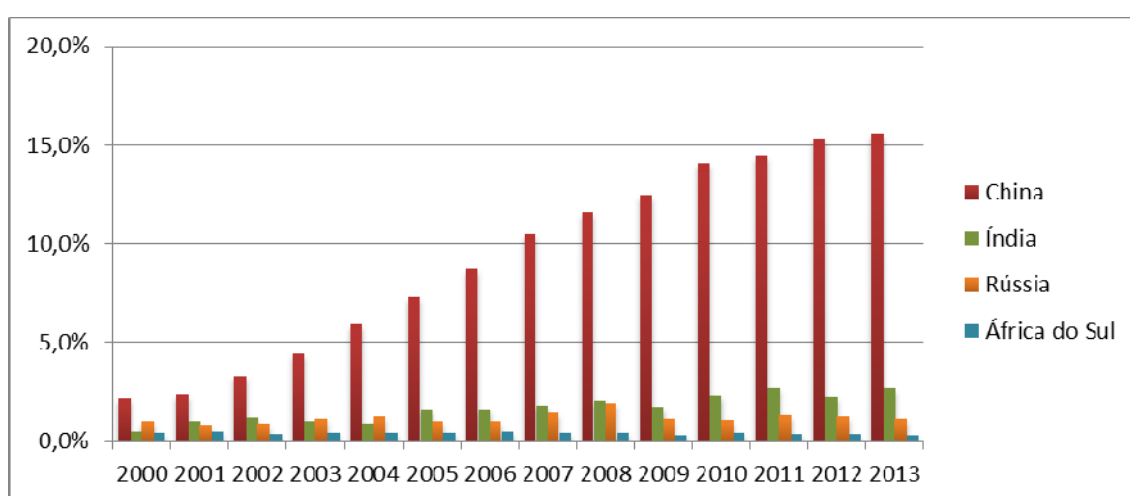
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Pelo lado das importações, a participação tem sido menor, quando comparada às exportações. Em 2000, as compras externas de origem do BRICS representavam 3,1% do total nacional, passando para 18,5% em 2013. No início da crise financeira mundial, as importações tiveram uma pequena redução em nível do BRICS entre 2008 e 2009, excluindo-se a China, que continuou com evolução positiva. Em nível global, as importações brasileiras tiveram um declínio maior, passando de US\$ 173 milhões de

dólares em 2008, para US\$ 128 milhões em 2009. A China continua representando a maior parcela das compras externas brasileiras, alcançando, ao final de 2013, uma participação de 15,6%; os outros países, Índia, Rússia e África do Sul, conseguiram juntos 4,1%. No total, as importações de origem do BRICS representaram 18,5%, com crescimento de 15,4% em relação ao ano de 2000.

Quando se analisam as importações brasileiras, em relação ao BRICS, no total da série analisada, observa-se que a participação evoluiu de 0,86%, em 2000, para 17,73%, em 2013.

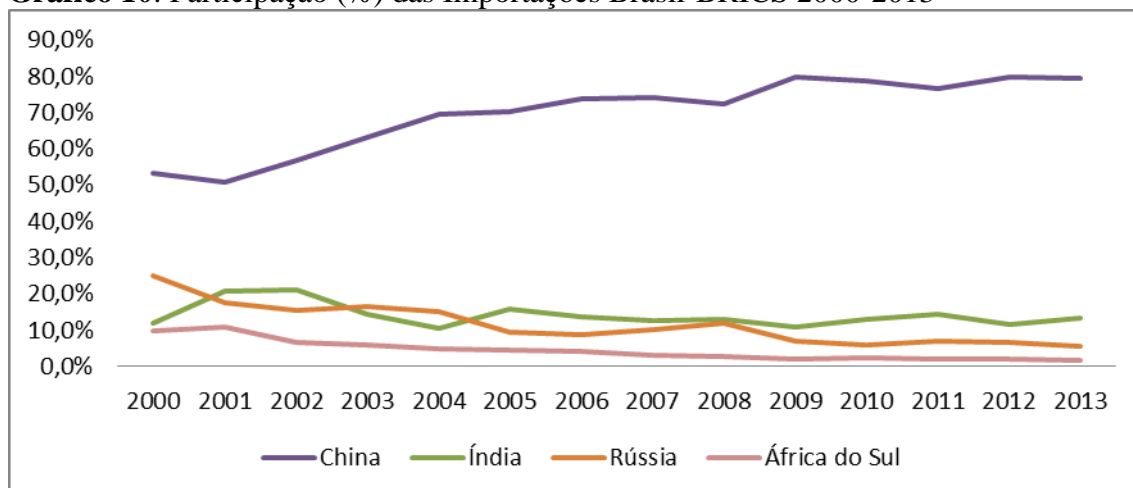
Gráfico 9: Participação (%) do BRICS nas importações brasileiras



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

As importações brasileiras provenientes da China ainda são a parte majoritária entre os países do BRICS. No período de 2000 e 2013, verificou-se um aumento considerável de 2.952% e, em termos absolutos, as importações subiram de 1,2 bilhão de dólares para 37,3 bilhões de dólares. As importações provindas da Índia aumentaram 2.243% e a sua participação também subiu de 11,8% para 13,5% no período em análise. Rússia e Índia encerraram 2013 com crescimento de suas exportações para o Brasil em 369% e 216%, respectivamente. Porém, suas participações na pauta de importações para o Brasil diminuíram nos 13 anos analisados, pois em 2000 esse valor era de 25% e 11% e em 2013, 5,7% e 1,5%, respectivamente. Nesse período, as importações brasileiras de origem da China, Índia, Rússia e África do Sul cresceram menos que as exportações, ainda assim registrando surpreendentes 1.953% de aumento.

Gráfico 10: Participação (%) das Importações Brasil-BRICS 2000-2013



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

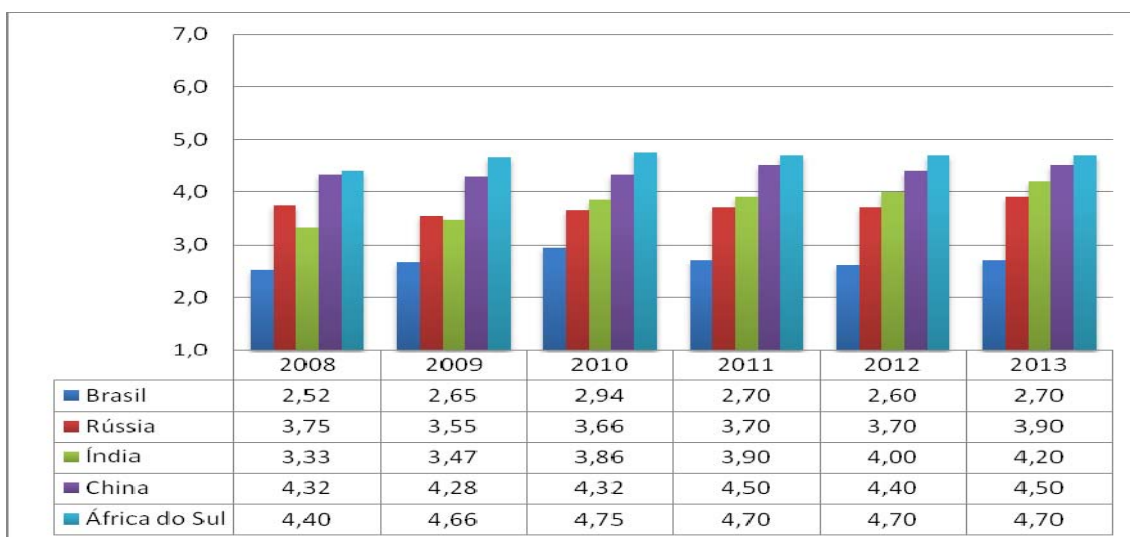
Com relação à infraestrutura portuária, analisou-se o desempenho do Índice de qualidade portuária, elaborado pelo Banco Mundial, que mostra a percepção de executivos e empresários quanto às suas instalações, facilidades logísticas, entre outros.

As notas vão de 1 (portos considerados extremamente não desenvolvidos) a 7 (portos considerados eficientes e bem desenvolvidos de acordo com padrões internacionais).

No período de 2008-2013, observou-se que o Brasil permaneceu em último lugar entre os países do BRICS, embora tenha melhorado na avaliação do índice, passando de 2,52, em 2008, para 2,7, em 2013. A Índia apresentou melhor desempenho do índice, passando de 3,33, em 2008, para 4,2, em 2013, ficando com em terceiro lugar dentro do BRICS. A Rússia registrou um índice de 3,9, em 2013, e a China 4,5. A África do Sul obteve um índice de 6,82% em 2013, sendo o maior do ano entre os países do bloco.

A eficiência portuária e o desenvolvimento econômico de um país estão intrinsecamente relacionados. A acessibilidade dos portos, como a mão de obra e a regulamentação, são os grandes problemas que podem fazer um país perder competitividade internacional no seu comércio exterior, pois não pode haver portos modernos sem ter espaço para escoamento e acesso de qualidade.

Gráfico 11: Qualidade de Infraestrutura Portuária - WEF (1= extremamente não-desenvolvido, 7= bem desenvolvido e eficiente)

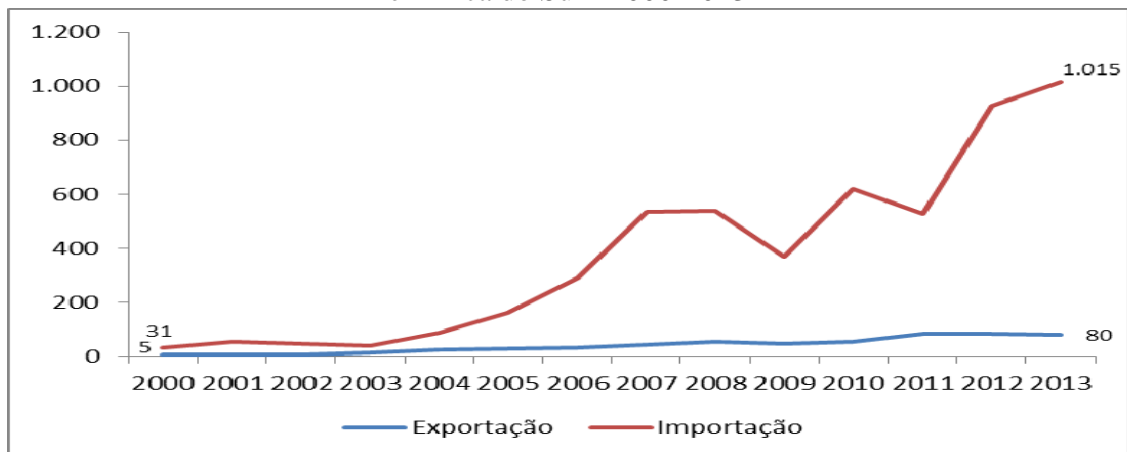


Dados: Banco Mundial. Elaboração IPECE

4. Ceará e o BRICS

O comércio exterior experimentou forte expansão na última década em relação ao BRICS. Isso pode ser evidenciado pelo fluxo das exportações do estado do Ceará, que registrou crescimento nas exportações e nas importações, entre os anos de 2000 e 2013. O valor exportado para Índia, China, Rússia e África do Sul, em 2000, foi de US\$ 4,5 milhões, em 2013 o valor foi de quase 80 milhões. Por outro lado, as importações cearenses oriundas dos BRICS foram de US\$ 30,8 milhões em 2000, chegando a US\$ 1,01 bilhão em 2013.

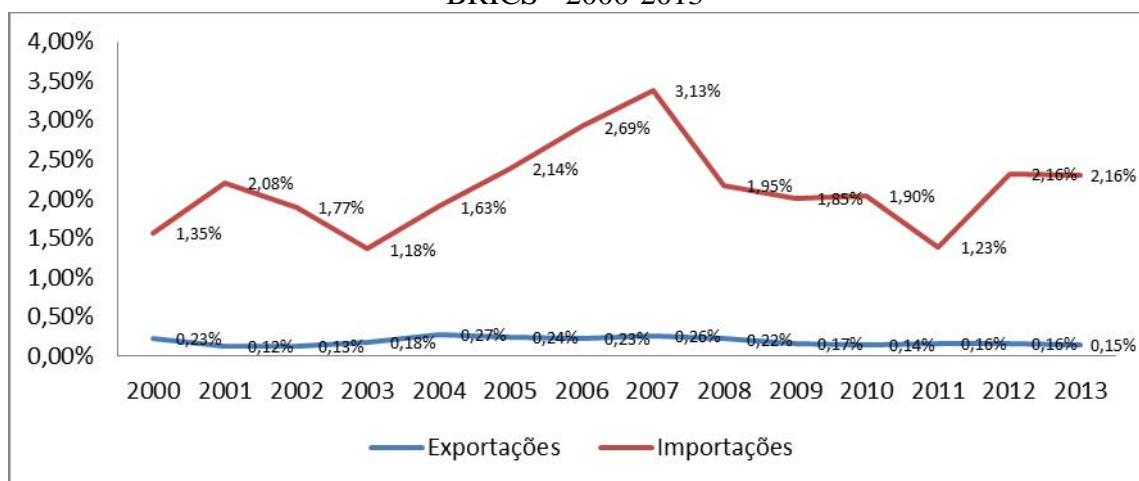
Gráfico 12: Exportação e Importação (US\$ milhão) Cearense para Rússia, Índia, China e África do Sul - 2000-2013



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

As exportações cearense representavam 0,23% da participação nacional do Ceará no BRICS em 2000, passando para apenas 0,15% em 2013, evidenciando que as exportações brasileiras para esses países cresceram mais do que as do Ceará. Quanto à participação das importações cearense para o BRICS, percebeu-se um comportamento mais oscilante, com tendência de aumento na participação entre os anos de 2000 a 2007. Mas a partir de 2008, começou a perder participação, embora tenha aumentado o valor importado, indicando também, que para esse período de 2007 a 2013, as importações brasileiras de origem dos BRICS cresceram mais do que as cearense (Gráfico 7).

Gráfico 13: Participação (%) do Ceará nas Importações e Exportações nacionais - BRICS - 2000-2013



Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Quando se avaliou o peso dos países do BRICS nas exportações cearenses, observou-se que esses países participam pouco no valor exportado pelo estado, correspondendo a uma participação de apenas 5,62%. Essa participação é influenciada principalmente pela China, que sozinha participa com 4,41%. Índia, Rússia e África do Sul tiveram relevância mais baixa, apresentando evolução pouco satisfatória no período.

Em 2000, apenas 0,92% das exportações do Ceará tinham como destino os países do BRICS, sendo que esse valor saltou para 6,58% em 2012, maior resultado da série histórica, caindo para 5,62% em 2013. Dentre os principais produtos exportados no ano de 2013, destacaram-se Couros e peles, Ceras vegetais e Calçados e partes, que participaram das exportações para os quatro países analisados. Castanha de Caju também contribuiu nas vendas com destino à Rússia e África do Sul. A média geral dos quatro países representou 3,5% nos 13 anos analisados.

Diante desse desempenho, pode-se afirmar que o Ceará precisa ganhar mais mercado com a Rússia, Índia, África do Sul e até mesmo com a China.

Tabela 1- Participação (%) das exportações cearenses para o BRICS – 2000-2013

Ano	China	Índia	Rússia	África do Sul	Total
2000	0,01%	0,32%	0,04%	0,56%	0,92%
2001	0,06%	0,11%	0,15%	0,55%	0,88%
2002	0,17%	0,12%	0,19%	0,67%	1,14%
2003	0,40%	0,18%	0,39%	0,72%	1,69%
2004	1,19%	0,18%	0,59%	0,79%	2,75%
2005	1,66%	0,09%	0,79%	0,65%	3,18%
2006	2,10%	0,09%	0,83%	0,38%	3,40%
2007	2,08%	0,16%	1,08%	0,49%	3,82%
2008	1,89%	0,22%	1,54%	0,45%	4,11%
2009	3,10%	0,17%	0,57%	0,52%	4,37%
2010	3,09%	0,20%	0,67%	0,43%	4,40%
2011	4,85%	0,49%	0,47%	0,26%	6,07%
2012	5,32%	0,42%	0,47%	0,36%	6,58%
2013	4,41%	0,60%	0,24%	0,36%	5,62%

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Entre os estados do Nordeste, as exportações cearenses demonstram fraco desempenho, ficando atrás da Bahia, que participou com 72,65%, em 2013, Maranhão (10,81%) e Alagoas (9,62%). Enquanto que Pernambuco apresentava participação de 12,68%, em 2000, e em 2013 essa participação caiu para 1,34%, justificada pelo tímido crescimento desse Estado nesses anos.

Tabela 2: Exportações (FOB US\$) do Nordeste para o BRICS 2000 a 2013

Estado	2000	Part. %	2013	Part. %	Var. %
Alagoas	103.232.260	48,7%	251.058.301	9,6%	143%
Bahia	50.263.713	23,7%	1.895.952.730	72,6%	3672%
Ceará	4.578.850	2,2%	79.875.552	3,1%	1644%
Maranhão	22.913.942	10,8%	282.047.838	10,8%	1131%
Paraíba	2.585.481	1,2%	7.243.275	0,3%	180%
Pernambuco	26.875.145	12,7%	35.031.040	1,3%	30%
Piauí	667.280	0,3%	47.507.719	1,8%	7020%
Rio Grande do Norte	844.083	0,4%	8.865.438	0,3%	950%
Sergipe	40.148	0,0%	2.249.425	0,1%	5503%
Nordeste	212.000.902	100,0%	2.609.831.318	100,0%	1131%

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Com relação às importações cearenses, a pauta de importação possui um papel maior no comércio exterior com a China, Índia, Rússia e África do Sul. O Ceará vem aumentando as suas compras externas do BRICS, cuja participação passou de 4,3%, em 2000, para 30,74%, em 2013, com pico no ano de 2007 com 37,86%. Dentre os principais produtos importados desses países, destacam-se Produtos químicos, Produtos metalúrgicos, Máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos. A China também foi a maior responsável pela fatia das importações, com média de 12,56% entre 2000 e 2013; a menor fatia ficou com a Rússia, com média de 1,37%. No total geral, a média de participação do BRICS nas importações cearenses representou 22,4%.

Tabela 3 - Participação (%) das importações cearenses de origem do BRICS – 2000-2013

Ano	China	Índia	Rússia	África do Sul	Total
2000	2,07%	0,25%	1,11%	0,86%	4,30%
2001	4,55%	1,51%	1,28%	1,41%	8,75%
2002	3,10%	3,32%	0,40%	0,79%	7,61%
2003	5,05%	1,09%	0,11%	1,18%	7,43%
2004	6,57%	6,59%	0,28%	1,78%	15,23%
2005	7,12%	16,66%	0,02%	3,93%	27,73%
2006	6,25%	15,79%	1,37%	3,11%	26,52%
2007	13,33%	17,79%	4,27%	2,48%	37,86%
2008	21,38%	9,98%	0,06%	3,20%	34,63%
2009	14,83%	12,07%	1,21%	1,84%	29,94%
2010	21,63%	1,70%	4,03%	1,17%	28,53%
2011	16,00%	4,07%	0,90%	0,98%	21,95%
2012	27,62%	2,44%	1,80%	0,47%	32,34%
2013	26,35%	1,82%	2,30%	0,27%	30,74%

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

As importações do Nordeste de origem dos países do BRICS apresentou elevado crescimento do ano de 2000 a 2013. O Maranhão foi o estado nordestino que mais importou do BRICS em 2013, participando com 28,3%. Bahia e Ceará aparecem logo em seguida, respondendo por 22,8% e 20,9%, respectivamente. Sergipe foi o estado que mais aumentou suas importações junto ao BRICS, no período de 2000 para 2013.

Tabela 4: Exportações (FOB US\$) do Nordeste - BRICS 2000 a 2013

Estado	2000	Part. %	2013	Part. %	Var. %
Alagoas	8.064.160	5,3%	174.358.312	3,6%	2062%
Bahia	54.620.072	36,0%	1.104.011.009	22,8%	1921%
Ceará	30.848.985	20,3%	1.015.110.118	20,9%	3191%
Maranhão	19.321.718	12,7%	1.373.522.149	28,3%	7009%
Paraíba	7.637.476	5,0%	167.720.594	3,5%	2096%
Pernambuco	23.816.003	15,7%	828.419.703	17,1%	3378%
Piauí	3.434.932	2,3%	84.890.012	1,7%	2371%
Rio Grande do Norte	2.998.652	2,0%	49.277.007	1,0%	1543%
Sergipe	1.087.628	0,7%	53.902.333	1,1%	4856%
Nordeste	151.829.626	100,0%	4.851.211.237	100,0%	3095%

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

4.1. Comércio exterior: Ceará e Rússia

Em 2000, as exportações cearenses para a Rússia eram representadas por apenas três produtos: Calçados e suas partes, com participação de 50,99%, seguido de Castanha de caju, com participação de 31,19% e Frutas que representaram 17,82%. Esses três produtos permaneceram em destaque ao longo desta década, havendo apenas algumas modificações dentro da pauta, ou seja, ganhando ou perdendo posição no ranking. No entanto, entre 2000 e 2013, a composição da pauta dos principais produtos exportados do Ceará passou de três para nove produtos.

Tabela 5 – Exportações (US\$ FOB) cearenses para Rússia – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Outros calçados de couro natural	100.132	50,99	Castanha de caju	3.311.876	26,61	Calçados e partes	2.026.134	58,54
Castanha de caju	61.250	31,19	Frutas de casca rija, outras.sementes	3.117.935	25,05	Sucos (sumo) de outras frutas,	747.618	21,60
Frutas de casca rija, outras.sementes	35.000	17,82	Produtos metalúrgicos	2.820.122	22,66	Castanha de caju	438.835	12,68
-	-	-	Calçados e partes	1.869.085	15,02	Couros e peles	114.959	3,32
-	-	-	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	932.656	7,49	Ceras vegetais	81.150	2,34
-	-	-	Produtos têxteis	304.457	2,45	Frutas	38.194	1,10
-	-	-	Vestuário e outros artefatos têxteis	53.628	0,43	Vestuário e outros artefatos têx	13.048	0,38
-	-	-	Melões frescos	20.674	0,17	Produtos metalúrgicos	563	0,02
-	-	-	Flores e seus botões, frescos, cortados p/ buquês	13.731	0,11	Plásticos e suas obras	436	0,01
-	-	-	Livros, jornais e produtos gráficos	327	0,00	-	-	-
Total	196.382	100,00	Total	12.444.814	100,00	Total	3.460.937	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Com relação às importações cearenses de origem Rússia observa-se que em 2000 as importações oriundas desse País alcançaram US\$ 7,98 milhões, passando para US\$ 76,08 milhões em 2013, por conta, principalmente, de principal Produtos Metalúrgicos, com participação de 95,64% do total importado deste País.

Tabela 6 – Importações (US\$ FOB) cearenses de origem da Rússia – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Produtos metalúrgicos	7.929.575	99,36	Gasóleo (óleo diesel)	53.012.673	88,13	Produtos metalúrgico	72.759.760	95,64
Peixes	45.784	0,57	Produtos metalúrgicos	6.075.316	10,10	Produtos químicos	3.209.462	4,22
Produtos químicos	5.196	0,07	Produtos têxteis	1.000.430	1,66	Plásticos e suas obi	111.219	0,15
Máquinas e equip. aparelhos e mat elétrico	78	0,00	Produtos químicos	61.428	0,10	Vidros e suas obras	151	0,00
Total	7.980.633	100,00	Total	60.149.847	100,00	Total	76.080.592	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

4.2. Comércio exterior: Ceará e Índia

O Ceará também expandiu suas vendas externas para a Índia. Em 2000, as exportações para esse país alcançaram US\$ 1,56 milhão evoluindo em 2013 para US\$ 8,52 milhões, demonstrando um crescimento de 443,99%. Em 2000 o Ceará exportava apenas dois produtos, expandindo para dez produtos em 2013. Neste ano, o principal produto exportado para esse País foi Couros e peles, que alcançaram US\$ 5,41 milhões, participando com 63,50% das vendas externas.

Tabela 7 – Exportações (US\$ FOB) cearenses para Índia – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Oleos lubrificantes sem aditivos	1.168.262	74,55	Ceras vegetais	1.068.323	56,80	Couros e peles	5.413.270	63,50
Ceras vegetais	398.857	25,45	Obras de pedra, gesso, cimento, mica	403.906	21,47	Ceras vegetais	2.222.989	26,08
-	-	-	Castanha de caju	205.548	10,93	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	347.935	4,08
-	-	-	Calçados e partes	107.930	5,74	Calçados e partes	246.359	2,89
-	-	-	Máquinas de costura de uso doméstico	58.451	3,11	Obras de pedra, gesso, cimento, mica	190.685	2,24
-	-	-	Papel, cartão e suas obras	28.430	1,51	Granito bruto ou cortado	91.370	1,07
-	-	-	Consumo de bordo	4.693	0,25	Consumo de bordo	6.566	0,08
-	-	-	Vestuário e outros artefatos têxteis	3.686	0,20	Livros, jornais e produtos gráficos	2.782	0,03
-	-	-	-	-	-	Móveis diversos	2.188	0,03
-	-	-	-	-	-	Plásticos e suas obras	426	0,00
Total	1.567.119	100,00	Total	1.880.967	100,00	Total	8.525.056	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

O comércio exterior com a Índia foi caracterizado por um aumento das importações maior do que as exportações e, em valores absolutos, essa relação foi bem significativa. No ano de 2000 foi importado US\$ 1,77 milhão, sendo o principal produto os Químicos, com participação de 36,1% das vendas externas enviadas para esse país; em 2007, destaque para as importações de Gasóleo (óleo diesel), que somou 191,2 milhões de dólares, ou 76,37% do total; em 2013, Produtos químicos retornou ao primeiro lugar, com 45,33% das importações cearenses providas da Índia.

Em 2000, o Ceará adquiriu desse País o valor de US\$ 640,4, com destaque para Produtos químicos, participando com 36,14%, Produtos Têxteis, com participação de 36,72% e Máquinas e equipamentos aparelhos e material respondendo por 16,95%. Em 2013, a pauta de importação cearense com a Índia apresentou poucas alterações, comparada com 2000.

Tabela 8 – Importações (US\$ FOB) cearenses de origem da Índia – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Produtos químicos	640.419	36,14	Gasóleo (óleo diesel)	191.230.831	76,37	Produtos químicos	27.280.917	45,33
Produtos têxteis	632.900	35,72	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	27.863.546	11,13	Produtos têxteis	13.886.236	23,08
Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	300.369	16,95	Produtos têxteis	17.206.109	6,87	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	9.855.180	16,38
Produtos metalúrgicos	91.620	5,17	Produtos metalúrgicos	8.326.638	3,33	Produtos metalúrgicos	4.124.642	6,85
Veículos, automóveis e outros veículos terrestres	82.551	4,66	Produtos químicos	4.375.232	1,75	Aparelho médico, ópticos e precisão	1.790.845	2,98
Vestuário e outros artefatos têxteis	13.686	0,77	Plásticos e suas obras	682.615	0,27	Vidros e suas obras	1.672.151	2,78
Aparelho médico, ópticos e precisão	3.914	0,22	Obras de pedra, gesso, cimento e mica	280.586	0,11	Vestuário e outros artefatos têxteis	592.154	0,98
Madeira, cavão vegetal e suas obras	2.770	0,16	Aparelho médico, ópticos e precisão	187.805	0,08	Plásticos e suas obras	333.320	0,55
Gomas, resinas e outros extratos vegetais	1.768	0,10	Veículos, automóveis e outros veículos terrestres	99.494	0,04	Mica em bruto ou clivada em folhas e mica em pó	202.570	0,34
Bijuterias de metais comuns	651	0,04	Vestuário e outros artefatos têxteis	96.533	0,04	Madeira, cavão vegetal e suas obras	123.883	0,21
Total	1.772.045	100,00	Total	250.397.109	100,00	Total	60.176.297	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

4.3. Comércio exterior: Ceará e China

As exportações cearenses para a China, no ano de 2000, foram de apenas US\$ 62.806 mil, sendo que o principal produto naquela época era representado por Granito cortado em blocos, contribuindo com aproximadamente 92,6% do total, seguido de Couros e peles com o restante (7,4%). Em 2007, as vendas externas cearenses para a China somaram mais de 23 milhões de dólares, com destaque para Couros e peles, com participação de 61,58%; em segundo lugar, Preparação alimentícias diversas (13,5%), seguida de Plásticos e suas obras (6,5%). Ceras vegetais, Castanha de caju e produtos têxteis, somaram em torno de 14%.

No ano de 2013, Couros e peles continuaram sendo o principal produto das vendas externas cearenses, com 47,8%, seguido de Preparação alimentícias diversas, com 15,4%. Em terceiro lugar, Minérios de ferro não aglomerados participaram com 9,5% do total e outros produtos somaram 27% da pauta de exportação cearense para a China. No acumulado em 2013, as exportações somaram mais de US\$ 62 milhões, valor 99.742% maior quando comparado ao ano de 2000.

Tabela 9 – Exportações (US\$ FOB) cearenses para China – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Granito cortado em blocos	58.134	92,56	Couros e peles	14.733.133	61,58	Couros e peles	30.005.503	47,85
Couros e peles	4.672	7,44	Preparação alimentícias diversas	3.227.351	13,49	Preparação alimentícias diversas	9.689.100	15,45
			Plásticos e suas obras	1.546.434	6,46	Minérios de ferro não aglomerados	5.941.690	9,48
			Ceras vegetais	1.254.930	5,25	Produtos minerais	4.357.666	6,95
			Castanha de caju	1.222.913	5,11	Ceras vegetais	4.199.437	6,70
			Produtos têxteis	883.307	3,69	Granito em bruto e cortado em bloco	2.098.796	3,35
			Obras de pedra, gesso, cimento e mica	591.068	2,47	Glicerol em bruto	1.957.275	3,12
			Calçados e suas partes	344.308	1,44	Outros sucos e extratos vegetais	1.861.162	2,97
			Granito em bruto e cortado em bloco	87.700	0,37	Calçados e suas partes	1.490.889	2,38
			Cachaça e caninha (rum e tafia)	22.246	0,09	Obras de pedra, gesso, cimento e mica	396.859	0,63
Total	62.806	100,00	Total	23.925.093	100,00	Total	62.706.878	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

Os três principais produtos da pauta de importação da China, no ano de 2000, somaram juntos mais de 80%, sendo Produtos químicos com 50,3%, Produtos têxteis com 21% e Máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos, com 9,6%. No ano de 2007, Produtos metalúrgicos representaram 26,7% das compras externas vindas da China, sendo o principal produto de importação de origem chinesa. Em seguida destacaram-se Máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos com 22,5%, e Produtos têxteis com 19,8%. Agregadamente esses três produtos responderam por 69,1%.

A pauta de 2013 apresentou comportamento parecido com a de 2007, porém, os três primeiros produtos somaram uma participação de 77,2%, indicando uma maior concentração.

Tabela 10 – Importações (US\$ FOB) cearenses de origem da China – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Produtos químicos	7.498.146	50,34	Produtos metalúrgicos	50.123.486	26,72	Produtos metalúrgicos	303.261.790	34,86
Produtos têxteis	3.121.840	20,96	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	42.307.705	22,55	Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	281.949.375	32,41
Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	1.430.373	9,60	Produtos têxteis	37.246.965	19,85	Produtos químicos	86.324.048	9,92
Calçados e suas partes	747.395	5,02	Produtos químicos	24.574.076	13,10	Produtos têxteis	75.334.091	8,66
Aparelhos de relojoaria e suas partes	639.912	4,30	Veículos, automóveis e outros veículos terrestres	13.109.002	6,99	Produtos cerâmicos	15.856.460	1,82
Aparelho médico, ópticos e precisão	614.764	4,13	Aparelho médico, ópticos e precisão	4.028.226	2,15	Veículos, automóveis e outros veículos terrestres	15.479.722	1,78
Plásticos e suas obras	231.500	1,55	Brinquedos, jogos e artigos diversos	3.433.030	1,83	Vestuário e outros artigos têxteis	14.695.168	1,69
Couros e peles	209.760	1,41	Curios e peles	2.347.362	1,25	Aparelho médico, ópticos e precisão	13.046.086	1,50
Brinquedos, jogos e artigos diversos	146.733	0,99	Plásticos e suas obras	1.746.168	0,93	Cimento	11.748.385	1,35
Produtos metalúrgicos	106.430	0,71	Vestuário e outros artigos têxteis	1.633.932	0,87	Plásticos e suas obras	11.064.858	1,27
Total	14.895.610	100,00	Total	187.604.340	100,00	Total	869.934.125	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

4.4. Comércio exterior: Ceará e África do Sul

No ano de 2000, a Castanha de Caju foi o principal produto da pauta de exportação para a África do Sul, respondendo por, aproximadamente, 50% do total de produtos exportados para esse país. Em seguida aparecem Aparelhos para cozinhar/aquecer que responderam por 23% e Calçados e partes (13%). Juntos, esses três produtos representaram mais de 80% da pauta, com uma receita de US\$ 2,7 milhões.

Em 2013, Calçados e partes responderam por 50% das exportações cearenses para a África do Sul, vindo logo em seguida Ceras Vegetais, cuja participação mais que triplicou no período, alcançando 27,6% do valor exportado pelo Estado nesse ano. Já as exportações de Produtos metalúrgicos registraram expressiva queda entre 2007 e 2013 (-84%), com participação apenas de 7,8%. No período de 2000 a 2013, as exportações cearenses para a África do Sul cresceram 88%.

Tabela 11 – Exportações (US\$ FOB) cearenses para África do Sul – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Castanha de caju	1.386.125	50,36	Produtos metalúrgicos	2.556.083	45,21	Calçados e partes	2.617.257	50,50
Aparelhos p/cozinhar/aquecer	636.396	23,12	Calçados e partes	1.176.768	20,82	Ceras vegetais	1.431.908	27,63
Calçados e partes	364.814	13,25	Castanha de caju	1.136.046	20,09	Produtos metalúrgicos	404.492	7,80
Obras de pedra, gesso, cimento e mica	202.215	7,35	Ceras vegetais	414.505	7,33	Sucos e extratos, de outros vegetais	298.995	5,77
Ceras vegetais	117.298	4,26	Sucos e extratos, de outros vegetais	125.736	2,22	Castanha de caju	169.050	3,26
Produtos têxteis	34.245	1,24	Obras de pedra, gesso, cimento e mica	74.682	1,32	Couros e peles	67.107	1,29
Sucos e extratos, de outros vegetais	9.200	0,33	Preparações alimentícias diversas	63.875	1,13	Placas/folhas ou tiras, de mica aglomerada	57.229	1,10
Máquinas e equip. aparelhos e mat elétricos	2.250	0,08	Produtos têxteis	54.056	0,96	Produtos têxteis	45.840	0,88
-	-	-	Máquinas de costura de uso doméstico	24.327	0,43	Magnésia calcinada a fundo e outros óxidos	43.290	0,84
-	-	-	-	17.776	0,31	Cachaça e caninha (rum e taífia)	11.574	0,22
Total	2.752.543	100,00	Total	5.653.425	100,00	Total	5.182.681	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

As importações providas da África do Sul também cresceram no período analisado. Em 2000, as importações de Produtos metalúrgicos responderam por 74,8% da pauta de importação, Hulha betuminosa não aglomerada respondeu por 15,9% e em terceiro lugar despontaram as importações de Papel, cartão e suas obras, com 7,6% de participação. No ano de 2007, as compras cearenses oriundas da África do Sul resultaram em US\$ 34,9 milhões, com aumento significativo de 463%, comparado ao ano de 2000. Produtos metalúrgicos continuaram sendo a maior parcela da pauta de importação em 2007, com aproximadamente 98% do total e Papel, cartão e suas obras com 1,7%.

Em 2013, as compras cearenses de Produtos metalúrgicos mantiveram-s como principal produto importado, com 94% de participação, porém com redução de -75% em relação a 2007. Produtos químicos representaram em torno de 4,8% e outros produtos, menos de 1%.

Tabela 12 – Importações (US\$ FOB) cearenses de origem da África do Sul – 2000-2007-2013

2000			2007			2013		
Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %	Produto	valor	Part %
Produtos metalúrgicos	4.639.582	74,82	Produtos metalúrgicos	34.241.236	98,16	Produtos metalúrgicos	8.409.122	94,28
Hulha betuminosa, não aglomerada	986.637	15,91	Papel, cartão e suas obras	584.287	1,68	Produtos químicos	426.928	4,79
Papel, cartão e suas obras	470.209	7,58	Plásticos e suas obras	27.850	0,08	Máquinas, equip. aparelhos e mat. Elétricos	48.560	0,54
Vestuário e outros artefatos têxteis	104.269	1,68	Licores	25.625	0,07	Veículos, tratores, ciclos e suas partes	29.726	0,33
-	-	-	Obras de pedra, gesso, cimento e mica	2.580	0,01	Veículos e material para vias férreas	2.304	0,03
-	-	-	-	-	-	Borracha e suas obras	1.645	0,02
-	-	-	-	-	-	Plásticos e suas obras	819	0,01
Total	6.200.697	100,00	Total	34.881.578	100,00	Total	8.919.104	100,00

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração IPECE

5. Considerações finais

O presente estudo teve o objetivo de analisar o cenário econômico e de comércio exterior do Brasil e do Ceará dentro do BRICS, destacando os principais indicadores econômicos, a corrente de Comércio Exterior, como também o desempenho das economias antes e depois da crise financeira mundial. Percebe-se que nos primeiros anos da criação do bloco, os países do BRICS caminharam a passos moderados tanto no cenário internacional, como entre si. Globalmente, o bloco já representa mais de 20% da economia mundial e estima-se que esse valor seja muito maior em 2027, ultrapassando as economias que compõem o G7. Mesmo com a recuperação lenta de alguns países do

BRICS, há avanços em termos absolutos do Produto Interno Bruto e da corrente de Comércio Exterior, tanto do Brasil como do Ceará, dentro do bloco.

Com o encerramento da VI Cúpula do BRICS, há expectativa de um aumento e facilitação dos negócios entre as nações, visto que foi formalizado a criação de um banco de desenvolvimento que terá como metas, financiar projetos, mediar negócios, facilitar a troca direta de moedas entre os países-membros e, conseqüentemente, diminuir os custos de transação.

Fica como desafio, principalmente para o Brasil, o aumento da corrente de Comércio Exterior intrabloco e mundial. Considerando que a China tem sido a principal parceira comercial brasileira, a expectativa é de que a corrente de comércio com esse país seja ainda maior, pois a demanda chinesa por recursos naturais, entre outros produtos agrícolas, faz com que o Brasil seja a sua principal fonte, ainda mais com os novos acordos bilaterais (54 no total) que foram formados durante a Cúpula. Em termos mundiais, o Brasil ainda precisa diminuir a burocracia, como também as barreiras alfandegárias e aumentar investimentos em infraestrutura para a facilitação do comércio. Isso sem falar da situação portuária, que, conforme mostrou o estudo, o Brasil apresentou o pior desempenho, quando comparado com os demais países do BRICS. Daí em dizer, que o sistema portuário brasileiro ainda necessita melhorar tanto na sua estrutura, quanto na parte administrativa.

Para o Ceará, o desafio é o aumento das exportações para o bloco, pois até o ano de 2013, apenas 5,62% das exportações cearenses eram para esses países. Hoje, as importações superam muito as exportações para o bloco. Em termos nacionais, representamos apenas 0,15% das exportações nacionais para o BRICS, ficando atrás até mesmo de estados do Nordeste, como Bahia, Maranhão e Alagoas. A China ainda é a nosso principal parceiro comercial, seguido da Índia, o que revela a necessidade de o Ceará estabelecer estratégias comerciais para os outros países (Rússia e África do Sul).

Assim, os países do BRICS possuem muitos desafios a enfrentar, num cenário internacional de crises financeiras, guerras entre povos e culturas e conflitos políticos. O bloco se eleva na importância estratégica pela força de seu território, como de sua economia e seu papel no mundo.